

Filipe S. Fernandes

# O Banqueiro do Rei, do Diabo e das Rainhas

Duarte da Silva, uma vida ao serviço  
da independência de Portugal

|||||  
casadasletras

# ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	11
------------------	----

## PARTE I

### O BANQUEIRO DO REI

1. Duarte da Silva: família e negócios .....	17
2. Da Monarquia Hispânica (1580-1640) à Restauração de Portugal .....	23
3. O golpe palaciano e o fim de Baeça .....	27
4. As tarefas do rei e o apoio dos negócios .....	35
5. Duarte da Silva no círculo real .....	43
6. O padre António Vieira e os judeus .....	49
7. Duarte da Silva e as redes comerciais .....	57

## PARTE II

### O BANQUEIRO DO DIABO

8. Duarte da Silva, alvo da Inquisição .....	65
9. Duarte da Silva esconde-se durante três dias .....	73
10. O impacto europeu da prisão de Duarte da Silva .....	81
11. Duarte da Silva na Inquisição: prisão e tortura .....	95
12. A prisão e tortura dos filhos de Duarte da Silva .....	109
13. O património de Duarte da Silva .....	121
14. Os bens de Duarte da Silva utilizados na defesa do país .....	129
15. A Inquisição vingá-se no <i>Forragaitas</i> .....	143

PARTE III  
O BANQUEIRO DAS RAINHAS

16. A vida depois da Inquisição.....	149
17. A Casa de Bragança em busca de um casamento .....	153
18. O dote e o casamento de D. Catarina .....	165
19. O casamento de D. Catarina de Bragança com Carlos II.....	175
20. A vida de Duarte da Silva em Londres começa na prisão .....	181
AGRADECIMENTOS FINAIS.....	195
BIBLIOGRAFIA.....	197

## INTRODUÇÃO

Duarte da Silva (1596-1688), cristão-novo, colocou a sua fortuna ao serviço da Restauração de Portugal. Preso pela Inquisição durante cinco anos, foi responsável pelo dote do casamento de D. Catarina de Bragança com Carlos II, que o levou à prisão durante um ano por ter falhado pagamentos. Depois de tentar o regresso a Portugal, morreu como judeu em Antuérpia. Poderia ser o resumo da sua vida num *tweet*.

Duarte da Silva era, no reinado de D. João IV, «o homem de negócio mais importante do império, ao ponto de ser conhecido com o “banqueiro do Rei”»,<sup>1</sup> como disse Tiago Groh, pelos seus grandes empréstimos ao rei. Para Frédéric Mauro assemelhava-se aos grandes financeiros franceses do século de Luís XIV que procuram mais o seu lucro no socorro ao Tesouro Público do que na participação nos negócios<sup>2</sup>. Conclui que, ainda que Duarte da Silva se tenha interessado mais pelas finanças públicas do que pelas privadas, «o comércio e a banca entreadjudavam-se como o cego e o parálítico».<sup>3</sup> Um mercador inglês, Guilherme Roles, quando interrogado como testemunha pela Inquisição, disse que Duarte

---

<sup>1</sup> GROH, Tiago, *A Inquisição contra a Diplomacia de D. João IV: O Caso de Duarte da Silva*, in SILVA, Marco António Nunes da e MATEUS, Susana Bastos (organizadores), *As Inquisições Modernas: Poder político, religião e sociedade entre a Europa e o Atlântico*, Edfuba, Salvador, 2020, p. 344.

<sup>2</sup> MAURO, Frédéric, *Marchands et Marchands-Banquiers Portugais au XVII<sup>me</sup> Siècle*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1961, p. 18.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 20.

da Silva era «comerciante tido pelo mais grosso mercador e de mais crédito que havia nesta praça».<sup>4</sup>

Mas, em dezembro de 1647, Duarte da Silva e a sua família foram presos pela Inquisição, provação que durou até 1 de dezembro de 1652, quando decorreu o auto-de-fé de Duarte da Silva, dos filhos, Catarina e Francisco, e dos cunhados, Jorge e Rodrigo Brandão com a assistência dos reis, príncipe, inquisidor-geral D. Francisco de Castro e da população.

Esta figura, de que não conhecemos rosto, movia-se de forma discreta pelo mundo e pelos negócios e esteve sempre presente nos momentos em que o reino, que buscava regressar à sua independência, necessitou da sua ajuda financeira, mesmo quando se encontrava preso numa das celas no Palácio dos Estaus, sede do Tribunal da Santa Inquisição, em Lisboa, em cujos baixos, as salas de tormentos, foi torturado, tal como a filha Catarina, presa com 17 anos, e o filho Francisco que, aos 19 anos, quando saiu das garras dos inquisidores, passara um quarto da sua vida preso. Nessa altura, os seus bens foram utilizados pelo rei D. João IV para resgatar o Nordeste do Brasil e Angola.

A sua detenção e prisão durante cinco anos tornou-se um dos episódios mais debatidos do reinado de D. João IV, tanto na época como na historiografia portuguesa. «Nele se encontra matéria bastante para questionar as relações entre o rei e os que eram acusados de judaizar, os chamados cristãos-novos, descendentes de judeus conversos.»<sup>5</sup> Como escreveu João Lúcio de Azevedo, «no paço tinha amigos, e, ainda depois de sair o auto, D. João e a rainha lhe dispensavam consideração».

De tal forma, que viria a ser agraciado pela rainha D. Luísa de Gusmão com o hábito de Cristo. «Fidalgo da Casa Real de Portugal, Duarte da Silva foi sem dúvida o maior mercador português à

---

<sup>4</sup> BAIÃO, António, *Episódios Dramáticos da Inquisição Portuguesa*, Volume II, Edição do Anuário do Brasil, Rio de Janeiro, 1924, p. 370.

<sup>5</sup> COSTA, Leonor Freire e SOARES DA CUNHA, Mafalda, *D. João IV*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2006, p. 186.

época da Restauração, um homem de grande importância para o sucesso da Casa de Bragança como uma Casa Real»,<sup>6</sup> sublinha Tiago Groh. «Era em suma, pelas posses e relações pessoais, indivíduo proeminente entre os da sua classe, e com protetores e dependentes na corte»<sup>7</sup>, escreveu João Lúcio de Azevedo.

Quando, em 1661, se realizou o casamento da infanta D. Catarina, «muito provavelmente o consultaram os do governo sobre a matéria delicada do dote»,<sup>8</sup> de que viria a ser fiador, tendo viajado, juntamente com o filho Francisco Dias da Silva, para Londres. Em outubro de 1662, ficou em prisão domiciliária por causa do pagamento do dote, mas não cedeu às exigências do rei inglês e o pagamento do primeiro milhão foi efetuado nas condições dos portugueses em abril de 1663.

Em 1674, foi desenhado o plano «Na busca pelo Perdão Geral», a partir de Londres por Baltasar da Costa, provincial dos jesuítas em Malabar, Duarte da Silva, Manuel da Gama de Pádua em Portugal, padre António Vieira em Roma, e negociado em Roma pelo primo de Duarte da Silva, Francisco Nicolau da Silva, e o sócio comercial de Duarte da Silva, o marquês Francisco Nunes Sanches. Fracassado o plano rumo a Antuérpia, onde se radicara o filho, Francisco Dias da Silva, e onde morreu em 1688.

---

<sup>6</sup> GROH, Tiago, *O Banqueiro do Rei: A Trajetória de Duarte da Silva*, tese de doutoramento em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019, p. 148.

<sup>7</sup> AZEVEDO, João Lúcio de, *História dos Cristãos-Novos Portugueses*, Clássica Editora, Lisboa, 1989, p. 266.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 281.